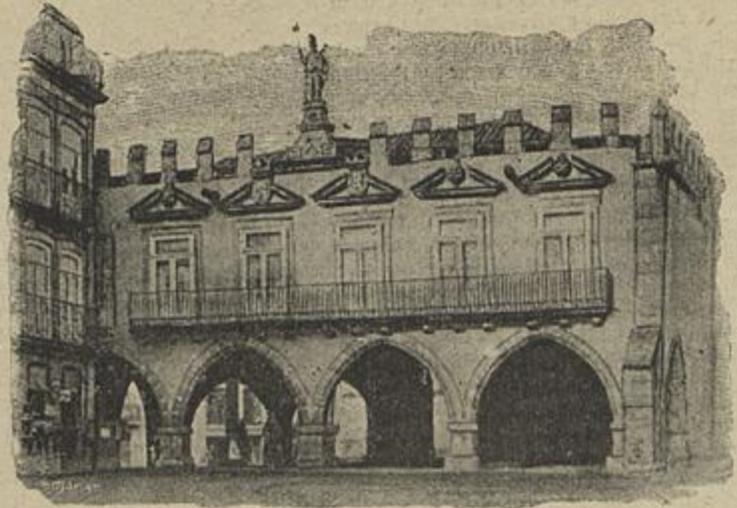
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXV Volume — 10 de Junho de 1902 — N.º 844

Centenario de Gil Vicente

ESTATUA DE GIL VICENTE
NO FRONTÃO DO THEATRO DE D. MARIA II

ESCULPTURA DE ASSIS

PAÇOS DO CONCELHO DE GUIMARÃES

CHRONICA OCCIDENTAL

Era nosso credor, ha muito, o Gil Vicente, e não sei se elle tenciona queixar-se como, segundo se diz, o vão fazer alguns agiotas francezes, pouco satisfeitos com o convenio.

Deve o poeta cortesão dos paços d'El-Rei D. Manuel e D. João III achar que tarde e a más horas lhe pagaram, e que longe ainda ficou do muito que merecia.

Mas alguma coisa foi. Elle que tenha paciencia. Os francezes, allemães, inglezes, e não sei quantos mais credores estrangeiros, estavam berrando muito; o sr. conselheiro Carrilho punha as mãos na cabeça; o paiz estava assustadissimo e nem sequer foi possivel fazer passar nas camaras a proposta, feita pelo sr. Malheiro Dias ao governo, da concessão de um conto de réis para a celebração do centenario de Gil Vicente. Era muito. O caso deu-se ha quatro seculos, dava vinte e cinco tostões por anno concedidos á memoria do poeta. Não podia ser.

Na falta das cedulas, o theatro de D. Maria, o Conservatorio, e o theatro D. Amelia foram-se á prata da casa e, melhor ou peor, lá se arranjaram. O que houve, sem duvida, foi da parte de todos a melhor vontade. Não foram festas deslumbrantes, alguns trechos houve, porém, commoventes.

Quando, no theatro D. Amelia, ao principio do espectaculo, depois que todos os actores, a dois e dois, depuzeram as corôas aos pés do fundador do theatro portuguez, Taborda se dirigiu para a estatua, as palmas romperam de todos os lados e a commoção foi enorme em todo o theatro. Aos pés do maior dos velhos auctores portuguezes curvava-se a maior das nossas glorias no theatro moderno. Houve lagrimas em muitos olhos e a ovação foi enorme, quando o velho Taborda acabou de recitar os seus quinze ou vinte versos do *Preguiçoso* do *Juiz da Beira*. A presença do nosso grande artista n'aquella commemoração valeu mais que todos os subsidios que o governo pudesse prestar.

Foi o Conselho de Arte dramatica quem o convidou para primeiro honrar a sessão solemne que se realisou no Conservatorio. Taborda com Alves e Delphina, os mais esperançosos artistas do nosso theatro, representando trechos de Gil Vicente n'essa festa, deram-lhe o maior encanto e foram pagos com os mais vivos applausos.

Henrique Alves disse o monologo do *Vagueiro*, a primeira coisa que Gil Vicente fez e em Portugal se representou. Era o centenario d'essa primeira representação que o Conselho celebrava; o facto historico, o mais importante no nosso theatro devia de ser commemorado. O concurso do

A CIDADE DE GUIMARÃES, PATRIA DE GIL VICENTE

joven actor do theatro D. Amelia foi valiosissimo; melhor não é possivel comprehender o trecho, no qual, atravez do homem rustico em que Gil Vicente se caracterisou, appareceu o cortesão. Foi primorosa a dicção do discipulo valido dos grandes mestres do nosso theatro.

Delphina Cruz recitou com muita paixão a supplica da Cananéa a Christo, que melhor effeito ainda fez no theatro D. Amelia, vestida a actriz a caracter como então nos appareceu.

Foram bem escolhidos os numeros de musica que se cantaram e muito applaudidos, sendo alguns bisados.

Lopes de Mendonça leu o seu estudo publicado na *Revista do Conservatorio* e Eduardo Schwalbach o officio que ao Conselho foi dirigido pelo secretario de 2.ª classe da Academia Real das Sciencias, sr. José de Sousa Monteiro.

Lopes de Mendonça é dos mais ardentes enthusiastas de Gil Vicente e um dos que mais concorreram por anteriores trabalhos para melhor conhecimento das obras primas do poeta. José de Sousa Monteiro deu mais uma vez no officio por elle assignado provas de que merece o alto nome que tem nas letras portuguezas pelos primores do seu estylo e finura de sua critica.

O Inspector do Conservatorio precedeu a leitura do officio da Academia e a recitação dos actores portuguezes de palavras muito lisongeiras e muito merecidas, explicando um pouco a que se referiam os trechos escolhidos.

A commemoração do maior genio que houve no theatro portuguez e que é dos maiores no mundo, iniciou-a o theatro de D. Maria pela leitura que seus melhores artistas fizeram do AUTO DA ALMA, precedida por um prologo em verso, expressamente escripto por Sousa Monteiro e muito artisticamente lido por Ferreira da Silva.

O AUTO DA ALMA foi das primeiras obras que Gil Vicente escreveu em portuguez e como, ao mesmo tempo, é uma de suas melhores producções, e com certeza a melhor de suas obras mysticas, a escolha não podia ser mais acertada.

De todos é hoje conhecido o estudo do Visconde de Ouguella a esse respeito e sabido é como notaveis criticos estrangeiros á obra se referiram, comparando-a á scena de Mephistopheles e Margarida no *Fausto* de Gœthe.

A oração de Santo Agostinho, paraphrase do *Stabat Mater* é dos melhores trechos lyricos que se hajam escripto em lingua portugueza.

Terminou o espectaculo pela representação da *Farça de Inez Pereira*, accommodada á scena portugueza por Marcellino de Mesquita. A comedia feita por Gil Vicente para tapar a bocca aos maldizentes que o accusavam de ir buscar a estranhos a inspiração das suas obras, é a mais correcta coisa, theatralmente falando, que sahiu d'aquelle cerebro poderoso, todos os assumptos sabendo tratar como mestre.

N'um theatro em que figuram nomes como os de Virginia, Ferreira da Silva e Augusto Mello, não podia deixar de ser condigna a celebração do grande genio, cuja estatua encima o seu frontão principal.

Pena foi que o *Auto da Alma* fosse apenas lido e não representado. Mas todos os que um pouco lidamos em theatro sabemos que enormes difficuldades muita vez rodeiam o que aos profanos parece facillimo.

Foi admiravelmente acolhido o programma da festa no theatro D. Amelia. Gil Vicente appareceu-nos em todas as fases do seu talento. Cortesão no *Vaqueiro*, satyrico contra o clero no *Auto Pastoril Portuguez*, philosopho no admiravel trecho do *Auto da Lusitania*, no dialogo de *Todo o Mundo* e *Ninguem*, mystico no *Auto da Cananéa*, comico nos dialogos dos dois maridos e no das duas mulheres do *Auto da Feira*, tragi-comico na Velha namorada do *Triumpho do Inverno*, e sempre poeta, e sempre encantador e portuguez de lei.

Todos os actores do theatro D. Amelia tomaram tanto a peito a consagração do poeta, que Lucinda Simões, depois de haver feito, como grande actriz que é, a Velha namorada, que dá vontade de rir e mette dó, João Rosa, depois de haver representado de forma superior o papel de *Ninguem* e Rosa Damasceno adoravel no seu papelinho de camponeza no *Auto Pastoril*, vieram, no fim do *Auto da Feira*, animar com sua presença a chacota que o terminou.

Gil Vicente não havia de desgostar. Vale isso mais que vinte e cinco tostões por anno.

O grande exito da noite foi, porém, o trecho do *Auto da Lusitania*, muito bem desempenhado por João e Augusto Rosa, Chaby, magnifico em seus trajos de Belzebu, e Gil que fazia o escrivão. Tanto o publico se enthusiasmou que exigiu que o trecho fosse repetido.

Não esqueçamos o quanto concorreram para o exito do espectaculo Lucilia Simões, a brava, e Maria Falcão, a mansa, Christiano muito bem no seu dialogo com Augusto Rosa, Delphina, que disse muito bem as inchadas banalidades do seu papel de Mercurio, e Laura Cruz, gentilissima, cantando primorosamente o seu villancete do *Auto Pastoril*.

— Cheira á terra portugueza! dizia me no palco um dos melhores criticos da nossa terra, encantado com o *Auto*, com a forma excellente do seu desempenho, a voz da Laura, a graça da Rosa Damasceno.

Para completar o triumpho de Gil Vicente, só faltava a edição barata das suas melhores obras. Fel-a agora a *Empreza das tres Bibliothecas*, com um prologo erudito de Urbano de Castro, um dos maiores enthusiastas do poeta, a quem muito ja deviamos pela iniciativa que tomou no Conselho Dramatico e pelo talento com que aconselhou a escolha do programma no espectaculo do theatro D. Amelia.

A festa foi belissima. Em 1905 commemorará a Academia Real das Sciencias o centenario da primeira peça portugueza. Melhor preparados os espiritos, mais educados, a festa será ainda maior.

Tudo merece o glorioso fundador do theatro em Portugal, que poucos ainda hontem conheciam, que, pelos trabalhos a que a Academia vai dedicar-se, todos em breve conhecerão.

Urbano de Castro deve estar satisfeito e com elle todos os que amam e veneram as grandes glorias portuguezas.

João da Camara.

GIL VICENTE

E' um facto indisputavel que no seculo XVI, Portugal attingiu o apogeo da sua gloria.

Por mais que o pessimismo procure esmiuçar, ulceras e podridões na sociedade de então, é certo que o brilho majestatico do paiz, não pode ser empanado por ellas. Qual é o organismo mais bem constituido que pode julgar-se imune a um germen corruptor? E quando comparamos esse periodo rutilante, com este nosso, atascado na vasa, corroido de lepra e de tantos virus contagiosos, mais admiramos a grandeza d'aquella epoca.

Que gigantes aquelles homens! que pigmeus os de hoje!

Portugal foi o paiz da Europa que primeiro lindou as suas fronteiras no meado do seculo XIII, como ainda hoje subsistem. Encerrado entre os outros reinos da peninsula iberica e o Oceano, era por este que podia espandir a sua actividade, e dar emprego ao seu caracter aventuroso e cavalheiresco.

D. Diniz reorganiza a marinha rudimendar. D. Affonso IV, começa a aplical-a em descobrimentos maritimos. Estes proseguem lentamente, e sem o concurso real, nos dois reinados seguintes. Expira, porem, o seculo XIV, afirmando o paiz a força e robustez dos seus membros, na sustentação da sua independencia, contra um inimigo dez vezes mais poderoso.

Vinte annos de paz interna e consolidação politica e administrativa, deram espirito e inspiração a este pequeno povo, para ir, sobre as plagas africanas, levantar a luva que os sectarios de Mahomet, tinham vindo lançar na peninsula hispanica sete seculos havia.

Ceuta é o primeiro élo dessa longa cadea de feitos gloriosos, que circuitando a Africa, o Industão, e a Indo-china, irá prender o ultimo na opulenta Malaca.

Em menos de um seculo o mundo estava quasi todo desvendado á civilização, graças á audacia, perseverança e esforço dos portugueses.

D. João II, um monarcha de genio, preparára as vias, que o seu *afortunado* successor soube percorrer.

Cabe a D. Manoel a gloria de saber escolher os homens, dentre a pleiade brilhante que começára a desabrochar ao lado do ultimo rei cavalleiro, Affonso V.

A obra começada pelo infante D. Henrique, e proseguida tenazmente por D. João II, com o concurso, principalmente de Gonçalo Velho, Gil Eanes, Antão Gonçalves, Gonçalo de Cintra, Diogo Cão e Bartholomeu Dias, receberá o seu complemento sob o sceptro de D. Manoel, pela audacia e tenacidade de Vasco da Gama, a dedicação de Pedro Alvares Cabral, a valentia e desprendimento de D. Francisco d'Almeida, o valor, perseverança e vista d'aguia d'Affonso d'Albuquerque. As artes vinham tambem como que offerecer-se á celebração de tantos prodigios, e o cerebro nacional, em constante ebulição, devia expandir-se em concepções originaes.

Eis como no meio de tanta grandeza, no peito e na imaginação d'um homem, até ahi, modestamente conhecido, pulsa a idéa de uma nova creação.

Esse homem é Gil Vicente; a sua empreza, a creação do theatro português.

Era em 1502, na segunda feira 6 de junho, cerca das duas da madrugada, a rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, dava, com felicidade, á luz, um filho, que foi o principe D. João, depois rei D. João III.

Estava o rei sem successão. A sua primeira esposa e o filho que d'ella tivera haviam fallecido; assim este parto era aguardado com anciedade, por isso ao ter-se conhecimento d'elle, e de que o nascido era um varão, a alegria de todos foi immensa, repercutindo-se em festas, a que nem a mesma tempestade extraordinaria, que se desencadeou nesse dia, poude obstar.

Na segunda noite desse parto, isto é, a 7, entrou na camara da rainha um homem em trajo de Vaqueiro, que exhibiu um monologo, seguido da entrada de uns trinta figalgos, tambem vestidos de porcariços e vaqueiros, que vieram apresentar as suas offertas á rainha.

O actor autor era Gil Vicente, e com essa representação inaugurava o theatro português.

Achavam-se na camara da rainha, o rei, a infanta D. Beatriz, sua mãe, e a duquesa de Bragança. Agradou muito esta novidade a D. Beatriz, que pediu logo ao auctor lhe representasse isto mesmo, mas aplicado ás matinas do Natal, elle porem vendo que o poemeto era muito desviado do assumpto, compos o auto pastoril castelhano, que é a segunda das suas obras.

D'ahi em deante quasi todas as festas do Natal serão abrilhantadas por uma obra de Gil Vicente, não sendo das coisas menos curiosas, ver como a sua imaginação poude variar as fórmas tantas vezes, para celebrar o mesmo facto, não se repetindo nunca. Os nascimentos dos principes, os séus casamentos, todos terão partilha na obra deste portentoso talento. As empresas guerreiras, as viagens longiquas, terão na musa de Gil Vicente exhortação, glorificação e critica tambem.

Donde veio, e onde teve origem tão notavel poeta, não é facil dizer. A opinião mais acceita, apoiada num genealogico contemporaneo, D. Antonio de Lima, é que nasceu em Guimarães, cidade de que se produzem neste numero uma vista geral, e os notaveis paços do concelho. Ha porem outras opiniões, com menos auctoridade, que o dão como oriundo de Barcellos, e até de Lisboa. E' provavel que nascesse por cerca de 1470, no reinado de D. Affonso V, tendo sido indubitavelmente, alem de animado pela referida infanta D. Beatriz, protegido sempre por sua filha a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, no tempo do qual começou a fazer-se notado. Isto prova-se não só pelo que delle diz no auto pastoril castelhano, mas pelas referencias que faz áquella rainha nas rubricas dos seus autos, e nomeadamente no prologo da edição avulsa da tragi-comedia de D. Duardos, que, felismente, foi conservado na segunda e mutilada edição de 1586, o que seu filho, Luis Vicente não fez na primeira de 1562 que dirigiu.

Durante o reinado de D. Manuel, foi o poeta sempre bem avindo com a côrte, posto que só saibamos que um Belchior Vicente, que parece ser seu filho, fôra moço da capella d'esse rei, d'onde passou para a de seu filho e successor D. João III.

Casou, não sabemos quando, com Branca Bezerra, a qual teve o desgosto de perder, segundo o nosso parecer por 1513, por varias conjecturas que em outro logar formulamos. Este facto da morte da esposa é constatado, pelo epitaphio bem conhecido, que compoz para a sua sepultura.

Aqui jaz a mui prudente
Senhora Branca Bezerra,
Mulher de Gil Vicente
Feita terra.

e que Luis Vicente não recenseou na sua edição, o que não deixa de causar estranhesa.

Aquelle filho Belchior que parece ser o segundo, declara em uma inquirição de 1540, que era moço pequeno em 1518; por tanto póde calcular-se que nascesse por 1504 ou 1505; foi amerceado n'aquelle anno de 1540 com uma segunda escrivaninha em S. Jorge da Mina, cargo que renunciou em 1545, fallecendo no principio de 1552, deixando viuva, duas filhas e parece que um filho.

Um Luis Vicente dado até aqui como reposteiro, escudeiro e accrescentado a cavalleiro, prova-se, pelos documentos dos livros das moradias do infante D. Luis, que era de Santarem, foi casado, e morreu em 1550, sendo já viuvo, deixando por herdeira uma irmã, portanto não era o filho do poeta.

Não temos a certeza de que seja este um Luis Vicente a quem em 1560 foi feita mercê de uma escrivaninha dos orphãos em Lisboa, em quanto durasse o impedimento do respectivo proprietario

Diogo Borges, — e se é o mesmo a quem cinco annos antes em 1555, se fizera mercê do officio de tabellião em Santarem, emquanto estivesse preso na Inquisição Affonso Ribeiro, de quem era o officio, então não era o filho do poeta.

O que temos por mais certo é que seja o que em 1563, foi nomeado escrivão da receita e despeza do thesoureiro da Casa Real por obito, segundo parece, de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Duas filhas se conhecem a Gil Vicente. A primeira Paula Vicente que já em 1543 era moça da Camara e tangedora da infanta D. Maria, que ainda vivia em 1572, quando fez cedencia de uma tença de 12$000 réis em sua sobrinha D. Beatriz de Menezes, para se meter freira em Santos, não se podendo saber se ainda vivia em 1577, quando falleceu a sua protectora, ou se se finou depois.

A segunda é Valeria Borges, casada em primeiras nupcias entre 11 de julho de 1552 e 15 de fevereiro de 1553, com Pero Machado, moço da Camara del-rei, e em segundas nupcias por 1555 a 1557 com D. Antonio de Almeida, (ou Almada) e Menezes, de quem teve quatro filhos e tres filhas, sendo uma a referida D. Beatriz.

Se era tambem filho do poeta um mancebo que em 1512, estava com Affonso d'Albuquerque na India, não está bem apurado.

O que é certo é que a ultima peça de Gil Vicente *Floresta de Enganos*, foi composta em 1536; que depois em virtude de recommendação de D. João III, se occupou o resto da vida em compilar as suas obras, o que levou a effeito, segundo consta da dedicatoria dirigida áquelle rei, e que fallecendo em seguida, talvez em 1539, ou 1540, ficaram ellas, não se sabe porque, ineditas, até que Paula Vicente em 1561 (vinte e um annos depois!) obtivera privilegio para a sua impressão, a qual foi piedosa, mas pouco competentemente, dirigida por Luiz Vicente, e concluida a 12 de setembro de 1562.

E' esta a 1.ª edição completa, posto houvesse antes d'ella outras avulsas de varias producções de Gil Vicente.

A segunda, mutilada pela censura ecclesiastica, é de 1586.

A terceira, publicou-se por diligencia de José Victorino Barreto Feio e José Gomes Monteiro, em 1834 em Hamburgo, com algumas faltas.

A quarta é de Lisboa de 1852, formando parte de uma colecção chamada *Bibliotheca portugueza*.

Gil Vicente compôz o epitaphio para si, que é como segue:

O grão juizo esperando
Jaço aqui n'esta morada
D'esta vida tão cançada
Descançando

Perguntas-me quem fui eu,
Attenta bem pera mi,
Porque tal fui com'a ti
E tal has de ser com'eu.
E pois tudo a isto vem,
O' leitor, de meu conselho,
Toma-me por teu espelho,
Olha-me e olha te bem.

Na Universidade de Coimbra existe em um volume de miscelaneas um desenho, que não sabemos se representa o verdadeiro tumulo do poeta, ou se é fantasia do collector. Damol-o a titulo de curiosidade, e devemos o fac-simile á obsequiosidade do sr. dr A. M Simões de Castro.

Tem sido debatida a questão se Gil Vicente, ourives, e Gil Vicente, poeta, são um unico individuo, ou dois homonimos; a esse respeito podem ver-se os *Preliminares* de um trabalho que começamos a publicar em 1897—na *Revista de Educação e Ensino*, que estabelecia o estado do problema, parecendo-nos porem, que o volume do dr. Theophilo Braga, *Gil Vicente*, publicado em 1898, não o esclareceu nem resolveu.

Escreveramos em este periodico em 1880, um longo artigo, onde pretendemos estabelecer essa dualidade, que, al ás, não ficou bem demonstrada. Em 1894 publicou o sr. Visconde de Sanches de Baena um trabalho, onde, fundado em certas memorias e linhagistas, apresentou um schema genealogico novo, dando o poeta como sobrinho do ourives, infelizmente essa genealogia ficou destruida com o documento por nós descuberto e que damos em fac-simile.

Quanto a esse magnifico artefacto de arte nacional — *a custodia do convento dos Jeronimos* — não repetiremos o que escrevemos no III vol. d'este periodico, em 1880, de pag. 137 em deante, onde descrevemos essa peça, e que pode ser lida apesar de algumas inexactidões e ommissões que nos escaparam.

O facto capital é que o reinado de D. Manuel, na parte politica deixou-nos o dominio da Africa o Imperio da India, e a vastissima colonia do Brazil; na parte artistica, Thomar, os Jeronimos e essa joia da ourivezaria, a famosa custodia; na parte litteraria o *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende, e acima de tudo a fundação do theatro portuguez, com os autos de Gil Vicente.

Esquecido durante algum tempo o grande poeta era apenas saboreado pelo povo, que o lia nas varias edições chamadas de cordel; chegou, porem, o seculo XIX e com elle abriu-se uma nova era litteraria.

Almeida Garrett com a sua grande intuição artistica, e alma poetica, comprehendeu o que havia de grande na obra do velho fundador do theatro portuguez, e para a sua renovação e regeneração intendeu dever evocar o seu espirito, e delineou o formosissimo drama — *Um auto de Gil Vicente* com o qual apresentou em scena o grande poeta e a sua obra.

Foi uma verdadeira glorificação.

Outro artista, empunhando o cinzel, debuxou no marmore, uma fantasiosa imagem do grande poeta, que foi collocada no cume do frontão de D. Maria II e que a gravura da nossa primeira pagina representa.

Ah! se o poeta se podesse levantar da campa, e vir com as suas barcas do inferno e do paraizo aproar ao littoral d'este seu querido paiz, teria que levar a golpes de remos para dentro do batel dos condemnados, não os pobres esmagados de trabalhos e impostos, mas os grandes que o calcam e sugam desalmada e cruamente, retouçando em folgares e tripudios sobre os antros da miseria.

Brito Rebello.

AUTOS DE GIL VICENTE

Trecho do Auto da Cananéa, recitado pela actriz Delfina Cruz na Sessão Solemne do Conselho de Arte Dramatica, realisada no Salão do Conservatorio Real em 8 de Junho de 1902.

«Senhor, filho de Davi,
«Amercea-te de mi,»
Que minha filha é tentada
D'espritos que não tem cabo,
E minha casa assombrada,
Minha camara pintada
De figuras do Diabo.
De mal tão accelerado
Quem se livrará sem ti?
«Senhor, filho de Davi,
«Amercea-te de mi.»
Triste mulher que farás?
Tanta pena quem t'a deu?
O' Inferno, que fiz eu,
Que mandaste a Satanaz
Que m'esbulhasse do meu!
Como esbulhada do seu,
Soccorrer-me venho a ti.
«Senhor, filho de Davi,
«Amercea-te de mi.»
Tem os seus braços torcidos,
Os olhos encarniçados,
Os cabellos desgrenhados,
Seus membros amortecidos;
Dá gritos, faz alaridos,
E o soccorro está em ti.
«Senhor, filho de Davi,
«Amercea-te de mi»
Mostra aqui teu poderio,
Manifesta tua grandeza,
E exalça teu senhorio:
Salva-me no teu navio,
No mar de tanta tristeza;
Pois é sobre natureza
Este mal, pois que te vi,
«Senhor, filho de Davi,
«Amercea-te de mi.»

Trecho do Auto da Alma, recitado pelo actor Augusto Mello no theatro de D. Maria II.

Alto Deus maravilhoso,
Que o mundo visitaste
Em carne humana,
Neste valle temeroso
E lacrimoso
Tua gloria nos mostraste
Soberana;
E teu filho delicado,
Mimoso da Divindade
E natureza,
Per todas partes chagado,
E mui sangrado,
Pela nossa infirmidade
E vil fraqueza!

Ó Imperador celeste,
Deus alto mui, poderoso,
Essencial,
Que pelo homem que fizeste,
Offereceste
O teu estado glorioso
A ser mortal!
E tua filha, madre, esposa,
Horta nobre, frol dos céos,
Virgem Maria,
Mansa pomba gloriosa;
Oh, quão chorosa
Quando o seu Deus padecia!
O' lagrimas preciosas,
De virginal coração,
Estilladas!
Correntes das dores vossas,
C'os olhos da perfeição
Derramadas!
Quem uma só podéra haver,
Víra claramente nella
Aquella dor,
Aquella pena e padecer,
Com que choraveis, donzella,
Vosso amor.
E quando vós amortecida,
Se lagrimas vos faltavam,
Não faltava
A vosso filho e vossa vida
Chorar as que lhe ficavam
De quando orava.
Porque muito mais sentia
Polos seus padecimentos
Ver-vos tal;
Mais que quanto padecia,
Lhe doia,
E dobrava seus tormentos,
Vosso mal.
Se se pudesse dizer,
Se se pudesse rezar
Tanta dor;
Se se pudesse fazer
Podermos ver
Qual estaveis ao cravar
Do Redemptor!
O' fermosa face bella,
O' resplandor divinal,
Que sentistes,
Quando a cruz se poz á vela,
E posto nella
O filho celestial
Que paristes!
Vendo por cima da gente
Assomar vosso confôrto
Tão chagado,
Cravado tão cruelmente,
E vós presente,
Vendo-vos ser mãe do morto,
E justiçado!
O' rainha delicada,
Sanctidade escurecida,
Quem não chora
Em ver morta debruçada
A avogada,
A fôrça da nossa vida!

Trecho do Auto da Lusitania, representado no theatro D. Amelia pelos actores João Rosa, Augusto Rosa, Chaby e Gil.

Berzebu

Por darmos alguma conta
Ao Deus rei Lucifer,
Póe-te tu a escrever
Tudo quanto aqui se monta,
E quanto virmos fazer;
Porque o fim do mundo é perto,
E pera o que nos hão de dar,
Cumpre-nos ter que allegar;
Pois pera provar o certo,
Escreve quanto passar.

(Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando alguma cousa que se lhe perdeu: e logo após elle, um homem, vestido como pobre, este se chama Ninguem, e diz:)

Ninguem

Que andas tu hi buscando?

Todo o Mundo

Mil cousas ando a buscar:
Dellas não posso achar,
Porém ando porfiando.
Por quão bom é porfiar.

Centenario de Gil Vicente

GUIMARAES — Jardim do Campo do Toural

Ninguem

Como has nome, cavalleiro?

Todo o Mundo

Eu hei nome *Todo o Mundo*,
E meu tempo todo inteiro
Sempre é buscar dinheiro,
E sempre nisto me fundo.

Ninguem

Eu hei nome *Ninguem*,
E busco a consciencia.

Berzebu

Esta é boa experiencia:
Dinato, escreve isto bem.

Dinato

Que escreverei, companheiro?

Berzebu

Que Ninguem busca consciencia,
E Todo o Mundo dinheiro.

Ninguem

E agora que buscas lá?

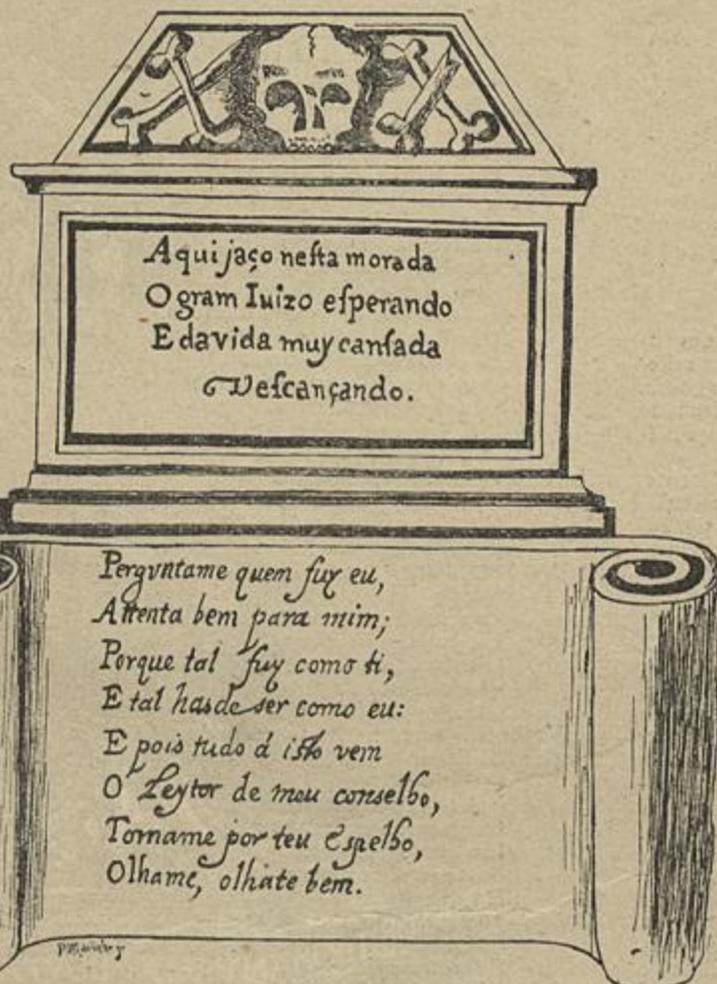
Todo o Mundo

Busco honra muito grande.

Ninguem

E eu virtude, que Deus mande
Que tope co'ella já.

Berzebu

Outra addição nos acude:
Screve logo hi a fundo,

TUMULO SUPPOSTO DE GIL VICENTE

Fac-simile d'um desenho existente n'um livro — *Miscellaneas* na Universidade de Coimbra

Que busca honra Todo o Mundo,
E Ninguem busca virtude.

Ninguem

Buscas outro mór bem qu'esse?

Todo o Mundo

Busco mais quem me louvasse
Tudo quanto eu fizesse.

Ninguem

E eu quem me reprendesse
Em cada cousa que errasse.

Berzebu

Escreve mais.

Dinato

Que tens sabido?

Berzebu

Que quer em extremo grado
Todo o Mundo ser louvado,
E Ninguem ser reprendido.

Ninguem

Buscas mais, amigo meu?

Todo o Mundo

Busco a vida e quem m'a dê.

Ninguem

A vida não sei que é;
A morte conheço eu.

Berzebu

Escreve lá outra sorte.

Centenario de Gil Vicente

DINATO

Que sorte?

BERZEBU

Muito garrida:
Todo o Mundo busca a vida,
E Ninguem conhece a morte.

TODO O MUNDO

E mais queria o paraiso,
Sem m'o ninguem estorvar!

NINGUEM

E eu ponho-me a pagar
Quanto devo para isso.

BERZEBU

Escreve com muito aviso.

DINATO

Que escreverei?

BERZEBU

Escreve
Que Todo o Mundo quer paraiso,
E Ninguem paga o que deve.

TODO O MUNDO

Folgo muito d'enganar,
E mentir nasceu comigo.

NINGUEM

Eu sempre verdade digo,
Sem nunca me desviar.

BERZEBU

Ora escreve lá, compadre,
Não sejas tu preguiçoso.

DINATO

Que?

BERZEBU

Que Todo o Mundo é mentiroso,
E Ninguem falla verdade.

NINGUEM

Que mais buscas?

TODO O MUNDO

Lisonjar.

NINGUEM

Eu sou todo desengano.

BERZEBU

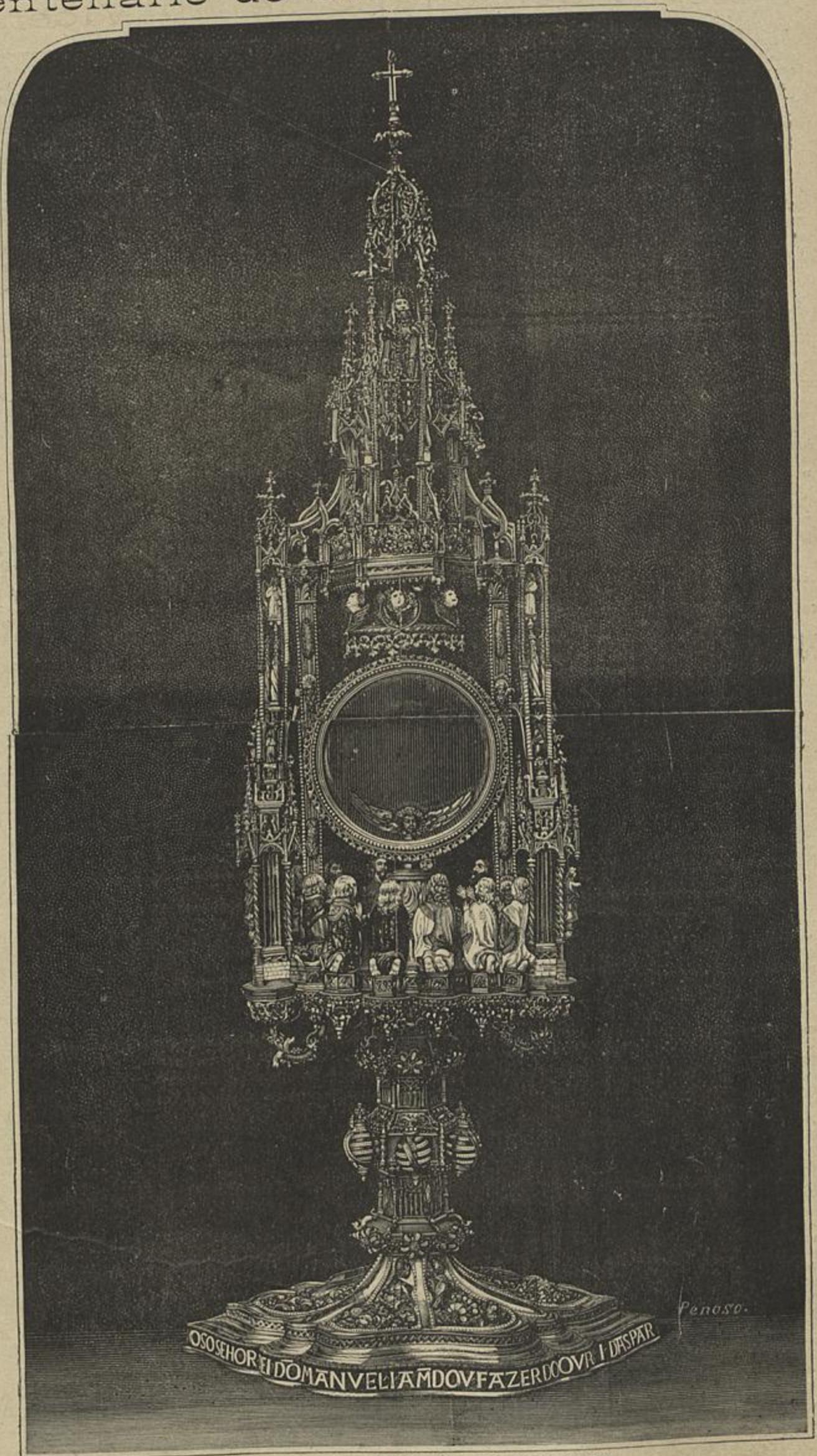
Escreve, anda lá, mano.

DINATO

Que me mandas assentar?

BERZEBU

Põe ahi mui declarado,
Não te fique no tinteiro:
Todo o Mundo é lisonjeiro,
E Ninguem desenganado.

A CUSTODIA DO CONVENTO DOS JERONYMOS

MOCIDADE DE GIL VICENTE

Tem todo o logar aqui os dois capitulos que vão lêr-se, extrahidos do livro, *Mocidade de Gil Vicente*, em que o primoroso poeta e prosador Visconde de Castilho (Julio) descreve com bello collorido e imaginação a meninice do plauto portuguez.

São paginas de bom estylo que se lêem com prazer.

.. ..

A ANTIGA VILLA DE GUIMARÃES — QUADRO RAPIDO

Direi ao certo quem era esse Gil, cujo talento allumiava como um luzeiro o ambiente intellectual da nossa sociedade alta, na transição do seculo XV para o XVI Direi como, e com que bullas, se arvorou este homem obscuro em companheiro intimo dos maiores entre os grandes de Portugal; d'onde surgiu esse aventureiro (se o é). Tentarei esquadrinhar, com os documentos e conjecturas, os primeiros annos, ao menos, de tão vivaz e interessante personalidade.

*

E comtudo é necessario um salto: de Lisboa até Guimarães.

«A muito nobre e antiga Villa de Guimarães, «berço dos primeiros reis de Portugal, tronco e «fonte de grande parte da Nobreza do reino.» — Assim lhe chama Frei Luiz de Sousa ([1]). Entre esses qualificativos honrados falta outro: a formosa Guimarães.

Com effeito, é risonho e attractivo o aspecto d'esta povoação extensa e verdejante, caracteristica e antiquada, cheia de tradições historicas e legendarias, que ainda hoje vibram nas narrações dos Minhotos.

Percorrer aquellas ruas tortuosas, por onde se divisam, em grande numero, os escudos de armas de familias nobres, é correr alguns capitulos truncados de boas chronicas nacionaes:

a estreita rua de Gatos, onde campeia ainda um antigo *cabido*, ou padrão coberto, que lembra vagamente o nosso do *Senhor roubado*, de Odivellas, e a que chamam «o Senhor do padrão»;

a rua de Santa Maria, ou do Arco, onde se ergue o antigo mosteiro das Claras;

a rua de Mata-Diabos, com o seu nome picaresco, onde se rastreia alguma alcunha satyrica;

a rua de Santa Luzia, com a sua ermida da Santa advogada da vista;

a de S. Thiago, ao pé da celeberrima Senhora da Oliveira, que lembra o Mestre d'Aviz e a Condessa Mumadona.

o largo de Santa Margarida, onde a tradição colloca a primitiva fundação do burgo;

a rua da Sé, ufana com a sua vetusta Collegiada;

a da Misericordia;

o Toural, hoje passeio publico.

Aqui, ali, saltitam, nas denominações antiquadas dos sitios, recordações de outras eras, ao longo de edificios em cujas frontarias se abrem ainda n'um ponto ou n'outro as janellas ogivaes ou manuelinas.

Conventos e egrejas, transformados em parte, e adaptados a usos modernos, quasi sempre de caridade, ainda nos fallam de tempos que passaram e não voltam:

O convento de S. Francisco, fundado em 1290, hoje hospital.

o de Santo Antonio dos Capuchos, no largo do Cano, outro hospital;

o de S. Domingos, junto da praça, fundado em 1271, agora hospicio de entrevados;

a egreja do Carmo;

o mosteiro das Trinitarias, na rua que d'ellas tira o nome;

o velho templo de S. Gualtér, no campo da Feira;

a egreja de S. Marçal;

o mosteiro da Madre de Deus, de dentro, e o seu homónymo da Madre de Deus, de fóra das muralhas.

Das muralhas, que formavam a grande coiraça guerreira d'este berço da Monarchia, ainda subsistem, aqui, além, alguns lanços derrocados, a cujo adarbe treparam edificações novas, e pittorescos quintaes, com as suas renques de parreiras que verdejam ao longe.

O castello além está, no alto de Santa Catharina, além está, com o seu ar desmantelado e triste, fallando nos das suas extinctas grandezas, e recordando-nos um Conde Henrique, um Affonso Henriques, uma Rainha Tareja; edificio escuro, toucado de heras, e cujas frestas historiadas miram de muito alto o virentissimo arredor. Do cima da torre gosa se o esplendido panorama das cercanias d'este recanto populoso e fertil do Minho: a Atouguia, as veigas, as montanhas, sombreadas de carvalheiras seculares.

O historico mosteiro hyeronimitano de S. Thiago da Costa, fundado pela Rainha Mafalda em 1154 e muito querido dos nossos Reis antigos, avulta d'entre arvoredos opulentos, com o seu grande ar e a sua egreja magnifica.

A Senhora da Penha alveja em distancia, com as suas capellinhas, a ressahir do eterno fundo escuro verde negro da cêrca.

Avista-se S. Torquato; descortina se, emfim, o mais largo e viçoso trato de fertilissima campanha.

*

Jaz Guimarães em terreno relativamente baixo, o que faz que só a distancia mesquinha se descubra a povoação; a vegetação exuberante que a circumda, envolve-a, abafa-a, e realça, com os seus tons de ricos verdes, quentes e alegres, a brancura petulante das casas novas muito caiadas, ou o acinzentado das frontarias velhas.

Floresce ainda hoje entre as opulencias naturaes uma vitalidade extraordinaria, que se expande em algumas industrias ali aposentadas desde seculos, e que devem á fertilidade do solo, e ao genio laborioso dos vimaranenses, estabilidade e viço. Bem conhecidos são de toda a gente os artefactos de linho de Guimarães, as serralherias, as bellas peças de cutelaria, os pentes, os cortumes, os tecidos, que tudo abastece, ha longas dezenas de annos, os melhores mercados e as mais concorridas feiras de Portugal.

Povoação tradicional e séria, apartada sessenta leguas ao Norte de Lisboa, mantém esta joia do Arcebispado de Braga as sua tradições nobres. Já se não rege pelo foral que em 1517 lhe outorgou el-Rei D. Manuel, mas parece respeitar ainda aquelle fragmento da antiga legislação municipal portugueza.

*

Tal é, em dois rasgos de penna, a villa antiquissima, hoje cidade, aonde é indispensavel que assim penetre por minha mão o curioso leitor.

....

Tinha corrido fama da graça e do engenho precoce da creança; e essa fama penetrára, pela conversação de algumas aias mais tagarellas, até ao recinto do paço dos Duques.

Com a facil e bondosa aquiescencia da Duqueza de Bragança D. Isabel, irman do Duque de Beja (depois Rei), e cunhada do Reinante, conseguiram uma vez as cuvilheiras d'essa Princeza levar ao paço ducal, por galanteria, o gentil menino, pelos annos de 1482, quando elle não contava ainda mais de seis ou sete primaveras.

Achava-se a Duqueza n'um eirado, gosando a frescura de uma tarde de verão; rodeada de seus filhos pequeninos regalava-se de os ver brincar, quando as cuvilheiras entraram, e rindo lhe apresentaram o filho do ourives Luiz Vicente.

Gracioso, bem posto, nediosinho, todo elle levava os olhos com o seu ar infantilmente arrogante. Cheio de si, sensivel aos elogios e ás festas, passou a tarde com os Duquesinhos, tão moços como elle, declamou orações, prégou um sermão, fez uns paços de dança, cantou um villancete castelhano que lhe tinham ensinado, e foi o enlevo da Duqueza, que se não fartava de o encarecer, e lhe deu muitos confeitos.

Essa visita encheu de gosto os nobres Meninos do paço, e de ufania o bom do ourives, já nosso conhecido, da casa branca do arrabalde.

*

E que o mocinho Gil tinha raro talento; mas quanto a estudos, era um tunante engraçadissimo.

Creado á solta, a despeito dos conselhos do tio, creado entre as tradições acanhadas de uma familia humilde e laboriosa, que o adorava, e já o admirava inconscientemente, pagou desde verdes annos o seu tributo á mocidade. As primeiras lettras, os estudos infantis, cursou elle por ali, n'alguma escola meio rural, onde um preceptor, obscuro (que hoje seria interessantissimo conhecer) arvorava como sceptro a férula, e onde, entre condiscipulos tão meninos e tão boçaes como Gil, as faculdades pujantes d'este ente extraordinario começaram bem cedo a alvorecer.

¿Quem, melhor do que elle, conhecia os recantos da cercania? ¿Quem, melhor do que elle, armava aos melros? ¿Quem se requebrava com mais chistosa desenvoltura nas danças de roda, no adro da Oliveira, em tardes de romaria? E, sobre tudo ¿quem fabricava melhor uma trova para fazer rir? ¿Quem engatilhava um dichote com mais espontanea graça, com mais côr, e com mais graciosa crueldade? Bastava este don natural para lhe alcançar muito prestigio entre os da sua egualha, e pôl-o em evidencia entre a população da villa.

Seria longo estender aqui a narração dos seus repentes vivacissimos, que tanto faziam rir os companheiros de folia, e iam desfechar certeiros nos burguezes caricatos; essa feição primeira transparece nos escriptos satyricos, que da sua virilidade litteraria nos ficaram.

*

Uma bella manhã, elle e outros condiscipulos tinham feito a mais famosa gazeta de que havia memoria nos fastos escolares; tinham passado horas aos ninhos pelos arvoredos da estrada de Braga; as lições do *hora horæ* tinham esquecido; as *cartinhas* nem se haviam aberto; e ao repararem na tarde que era, estacaram todos, entre receiosos e malignos, calculando a saraivada de doestos com que os ia mimosear o pedagôgo. E exclamou Gil, coçando a cabeça por baixo do gorro:

> Como rapaz escolar
> que lhe esqueceu a lição
> e sabe que lhe hão de dar,
> assi hei de eu apanhar
> d'esta vez um estirão. ([1])

*

Certa morgada do sitio, mais que bondosa, mais que excellente, empregava parte do seu tempo ensinando doutrina a rapazitos pobres dos proximos casaes. Era para ver a devoção com que a paciente senhora, largando por mão a regencia da sua casa rural, e a companhia das suas cuvilheiras, reunia á noitinha um rancho de creanças, e punha todo o seu empenho em fazer-lhes entender as bellezas do Padre-Nosso, as mysteriosas grandezas do Credo, ou as subtilezas caridosas das Obras de Misericordia. Aquellas intelligencias rebeldes enchiam de impaciencias a dedicada preceptora, que ás vezes desabafava atirando suas caroladas com um canniço ás cabeças infantis.

Uma noite, assistindo Gil com seu pae, freguez da casa, á lição de doutrina, exclamou:

> Senhora, não monta mais
> semear milho nos rios,
> que queremos por signaes
> metter cousas divinaes
> nas cabeças dos boglos. ([2])

*

A' devota profissão de uma filha d'essa mesma Morgada, na Madre-de-Deus de fóra, dedicou elle esta quadra em nome da Monja (com o que, muito se consolou e alegrou o coração da mãe):

> Determino de ser freira,
> que este mundo é todo vão,
> e ser freira é salvação
> muito certa e verdadeira. ([3])

*

Nas romarias do arredor de Guimarães, quando moços e moças se entregavam ás alegrias expansivas dos descantes Minhotos, era para ver como o nosso Gil, desempenado e chistoso, garganteava á banza bragueza obras poeticas da sua lavra, de tão bom oiro e tão bom risco ás vezes (no seu genero) como as ourivezarias de seu pae e seu avô, quadrinhas e villancetes de namorado imberbe, ou xácaras devotas em honra de tal ou tal Santo ou Santa do logar.

*

Nas horas saudosas da tarde, quando cessam as canceiras ruraes, e quando, ao tanger de Ave-Marias, os ranchos de lavadeiras entoam por aquellas veigas os accordes das suas melopêas rusticas; ao declinar do dia, quando, na bella expressão virgiliana do grande Sá de Miranda,

> faz aos montes sombras longas
> o sol que se vae transpondo

não era raro ouvir-se, cá de longe, de entre algum massiço de carvalheiras, responder ás rapa-

---

([1]) *Hist. de S. Dom.* P. I. L. IV, cap. 12.

([1]) *Auto da Cananéa.*
([2]) *Mofina-Mendes.*
([3]) *Comedia de Rubena.*

rigas a voz sonora e fresca do joven bardo, cantando no seu tenor argentino:

Remando vão remadores
barca de grande alegria;
o patrão que a guiava,
Filho de Deus se dizia.

Anjos eram los remeiros,
que remavam á porfia;
estandarte de esperança,
¡oh! ¡quão bem que parecia! (¹)

*

¿E os cantarinhos na fonte? ¿quem os roubava com mais destreza para infernizar as moças, e restituir-lh'os a cabo de uma hora enramados em buxo e flores? com o que, se desatavam em risos alegres as zangãs loquazes das raparigas.

Por isto digo e repito; em estudos não sei o que fez o nosso adolescente; como tunante e logrador, não havia outro.

*

E comtudo, outra feição dominava n'elle: certo inclinar para a tristeza e para a solidão. Nas suas horas de retrahimento furtava-se a todos os olhos, e ia meditar sósinho, e entregar-se ao delicioso pendor do devaneio. Sahiam-lhe então do estro melodias poeticas de muito sentimento, que já estavam a denunciar o futuro troveiro original e inconfundivel.

Julio de Castilho.

Gil Vicente e o theatro nacional

No reinado de D. Manuel, epoca venturosa, em que Portugal, pelo civismo dos seus filhos, se levanta do extremo occidental da Europa, como uma potencia de primeira ordem, devassando os mares e firmando, em remotas paragens, á custa de assombros de heroismo, um respeitavel poderio; n'esse periodo viril, em que a nossa expansão colonial, representada em Vasco da Gama, preparava a expansão litteraria personificada em Camões, é que desponta Gil Vicente, um dos astros mais fulgurantes do nosso horisonte, estrella de primeira grandeza, em cujas scintillações ha reverberos de um genio potente, de um caracter diamantino.

Recommenda-se por um titulo de duplo valor, arranca das penumbras do embryão os alentos de uma entidade moral destinada a elevadissimos fins, dá-lhe fórma, organisa-a, imprime-lhe vida propria, existencia independente, funda, emfim, o theatro nacional, e, com não vulgar superioridade d'animo, vence serios attritos, defronta-se com as terriveis malquerenças que as glorias de uma distinctissima iniciativa, naturalmente, lhe grangearam.

Se o hebreu representa a desventura e a crença, o velho habitante de Sparta o viver austero, o guerreiro romano o desejo de conquista, o cavalleiro da Edade Média a fé e a honra; se as epopeias de Homero, Virgilio e Dante manifestam brilhantemente a mais sublime inspiração e se ainda, o cinzel de Praxiteles, a palheta de Miguel, Angelo e os canticos melodiosos de Mozart traduzem a mais elevada comprehensão do bello, Gil Vicente personalisa o theatro portuguez na sua phase simultanea de inicio e esplendor, creou e abrilhantou, a um tempo, com insigne mestria e com extraordinario successo, a scena genuinamente portugueza.

A patria queima-lhe insensos no thuribulo da sua grata admiração e, volvidos quatro seculos, commemora, com a mais nobre intuição, o dia glorioso em que o egregio poeta revelou o seu talento comico e firmou, em bases seguras, a sua obra genial.

Consolemo-nos com estas sympathicas manifestações de culto em honra dos grandes e patenteiemos, em actos de justiça e de reconhecimento, a nobreza de sentimentos que um espirito levantado é capaz de conceber.

Em o nosso paiz, até aos fins do seculo xv, as representações dramaticas não adquirem, pela sua extrema simplicidade e falta de arte, as honras de composições litterarias. Não passam de rudimentares ensaios, de insignificantissimas elaborações, que, apenas, traduzem a jovialidade mystico-popular — fórma hieratica, e o fausto da nobreza — fórma aristocratica.

N'uma sociedade, fortemente dominada pelo sentimento religioso, como era a dos primeiros seculos da monarchia, o templo era o logar destinado não só ás funcções sagradas, como ás profanas. Nas cathedraes firmavam-se os contractos, faziam-se as eleições, resolviam-se os casos de caracter grave; o silencio, a meia luz, o tom austero e respeitavel da egreja como que imprimiam o cunho da seriedade ás situações da vida social, legalisavam-nas d'uma fórma mais completa. As mais francas alegrias tambem se concentravam nos templos e junto aos altares, onde o levita proferia as preces e entoava os hymnos, o povo dava largas aos seus jubilos e ao entranhado affecto pelas ceremonias lithurgicas.

As composições hieraticas eram representadas pelo povo nas cathedraes por occasião das grandes solemnidades religiosas.

Pelas *Constituições dos Bispados*, vê-se que a Egreja prohibia estas representações, por causa dos abusos que, frequentemente, se davam e que, por mais de uma vez, compromettiam ou profanavam as crenças e escandalisavam os fieis.

O povo, representando no templo, obedecia a um pensamento religioso, festejava os acontecimentos sublimes da historia do christianismo, contribuia com os seus folgares para o brilho e realce das solemnidades mysticas. Mas a ignorancia ou a falta de fé, em breve, veiu conspurcar as expressões innocentes e puras da crença e forçar os poderes ecclesiasticos a impedir taes festas populares, verdadeiras homenagens ao Divino.

Estes folgares dramaticos passaram das egrejas para as procissões e, na peninsula, desenvolvem-se tanto, que ainda, em nossos dias, ha vestigios d'esses velhos usos.

Sirvam de exemplo as celebres dansas das *Donzellas*, dos *Espingardeiros*, dos *Marujos* e dos *Pretos*, autos que se exhibem em Arcozello da Serra, por occasião das grandes festas que, n'essa freguezia beirense, se realisam em honra de Nossa Senhora d'Assumpção.

A antiquissima procissão de *Corpus Christi*, em Lisboa, era a mais rica em representações d'este genero; cada corporação de artes e officios levava a sua dansa figurada, cujas exhibições chegaram a ser tão livres, que o municipio teve que intervir com regulamentos repressivos

O theatro aristocratico consistia na repesentação de *Mômos* e *Entremezes* para abrilhantar as festas da côrte. O casamento sumptuoso da infanta D. Leonor, irmã de D. Affonso v com o imperador da Allemanha, Frederico III, deu logar a grandes divertimentos scenicos d'esta natureza, representando o proprio rei e os infantes, seus tios.

Mais tarde, no reinado de D. João II, repetiram-se, em Evora, taes representações pelos festejos do consorcio do principe herdeiro, D. Affonso, com a infanta D. Izabel de Castella, figurando, então, o proprio pae do noivo, D. João, desempenhando o papel do lendario *Cavalleiro do Cysne*.

Estas diversões eram, no dizer dos velhos chronistas, imponentes e magestosas de apparato; as bellezas do scenario, as riquezas das vestes, os elementos materiaes predominavam, de preferencia á parte litteraria, dando bem a conhecer que o theatro devia, antes, impressionar os sentidos que fallar á intelligencia e ao sentimento.

Producto do subjectivismo lyrico com a objectividade epica, a arte dramatica é a mais completa expressão da alma humana, a revelação mais legitima do caracter, liberdade e aspirações d'um povo; materialisa-la, fazendo a consistir, apenas, n'uns expedientes felizes de exteriorida de, é o maior dos absurdos, justificavel, talvez, na infancia ou na decrepitude das sociedades.

A côrte de D. Manuel, tornou-se celebre, entre as demais da Europa, pelo fausto e pela grandeza. A musica, a poesia e a dança faziam as delicias dos Paços reaes; os successos felizes eram frisados com as mais sumptuosas festas; a embaixada de Tristão da Cunha, a Roma, para offertar ao papa Leão x, as páreas do Oriente, em celebração da descoberta da India, foi grandiosa; os nascimentos dos infantes, motivo de geral regosijo, provocaram as maiores diversões, sendo uso todas as classes se manifestarem com as suas festas.

Foi, justamente, por occasião do nascimento do principe herdeiro, D. João, que Gil Vicente, já conhecido pela sua veia comica revelada no celebre processo amoroso de Vasco Abul, lançou os fundamentos do theatro portuguez, representando na camara da parturiente, D. Maria, segunda esposa de el-rei D. Manuel, o *Monologo do Vaqueiro* ou da *Visitação*, especie de colloquio do Natal, em que fazia offerecimentos ao recemnascido e lhe predizia o futuro.

Pela novidade e graça com que foi exhibido, este monologo, despertou grande enthusiasmo no Paço, e, desde então, a instancias da familia real e, muito especialmente, da rainha D. Leonor, viuva de D. João II e irmã do monarcha, Gil Vicente dedicou-se, com raro talento, ao genero dramatico.

Uma preciosa collecção de *autos, farças e tragicomedias* constitue o theatro d'este homem notavel, cuja estatura moral póde equiparar-se á de Molière, em França.

Como o grande vulto da côrte de Luiz xiv, Gil Vicente não é só poeta dramatico, é tambem satyrico implacavel, que, em tom jocoso e comico, revestindo a observação fina e a analyse penetrante, fustiga os ridiculos e vicios da nobreza, do clero, do funccionalismo official, emfim, da sociedade, sua contemporanea.

Na *Farça dos Almocreves*, apresenta-nos o fidalgo caloteiro, não pagando ao capellão, ourives e outros officiaes ao seu serviço; a farça *Quem tem farellos* tem por protagonista um tal Ayres Rosado, jovem escudeiro, que por tocar viola era muito requestado, não obstante a sua humilde posição e precario valimento; na *Fragoa de Amor*, ataca o espirito intrigante e hypocrita de certo clero, como na *Farça dos physicos* o não poupa pela sua predilecção pelo bello sexo; no *Juiz da Beira*, encontra-se o magistrado ignorante dando sentenças ineptas e na *Floresta de Enganos*, o mercador amoroso deixando se seduzir pelos artificios femininos; no *Triumpho do Inverno*, invectiva pilotos inhabeis nomeados para as armadas por mero favoritismo; no *Velho da Horta*, observa-se a volupia senil, gastando-se em amorosas aventuras, como no *Auto da India* se ouvem os lamentos da mulher que chora por o marido não se afastar para o Oriente, estando já embarcado para essa viagem.

Em todas estas composições se descobre a allusão mais ou menos frisante, a reprehensão que ajusta, perfeitamente, a quem d'ella se sinta.

Em casos mais melindrosos, quando o dardo critico se dirige a personagens, que, pelo seu valimento e importancia, intimidem, a allegoria salva a situação e a apostrophe fulminou com toda a energia.

Este dote, verdadeiramente, aristophanico acarretou-lhe antipathias e dissabores que foram suavisados pelo acolhimento e protecção da rainha D. Leonor, que muito o estimava e folgava de o ouvir.

Entretanto a guerra dos seus adversarios declara-se, terminantemente, fazendo parte d'elles os inquebrantaveis partidarios do classicismo, que viam, em Gil Vicente, um homem sem meritos, um histrião do Paço, um atrevido plagiario d'outros auctores comicos, como João de Encina, o creador castelhano dos autos pastoris.

O poeta, ferido na sua dignidade, não tardou em justificar-se e, na chistosa comedia de caracteres *Ignez Pereira*, feita sobre o proverbio que lhe foi dado pelos seus detractores: «Mais quero asno que me leve que cavallo que me derrube», mostrou os grandes recursos de seu poderoso engenho e consegue fazer calar aquelles a quem elle, por fina ironia chama *certos homens de bom saber*, e que, dominados antes pelo facciosismo que pela justiça, o apreciaram d'uma maneira tão indigna, chegando a negar-lhe a qualidade que mais o distinguia — a originalidade.

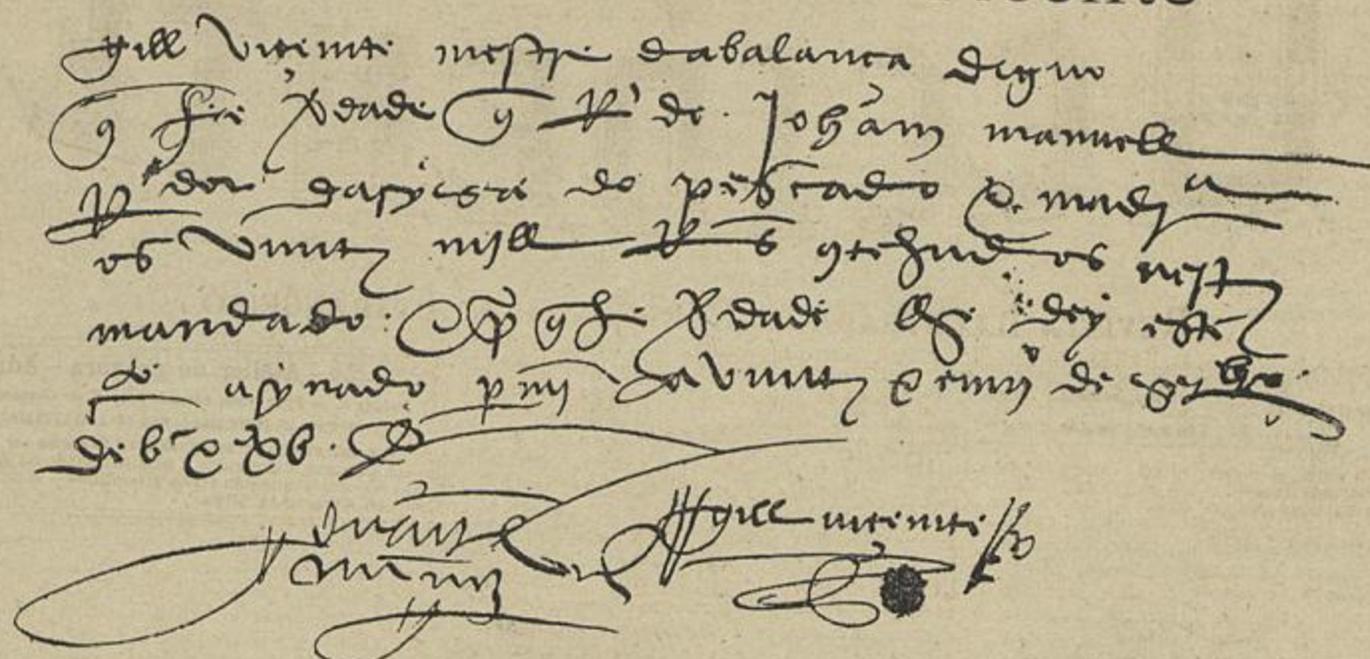
E' triste esta pagina da nossa historia litteraria, em que homens, aliás de grande valor intellectual, se amesquinham em campanha repugnante contra aquelle, a quem deviam ser os primeiros a festejar e a conferir um titulo de justiça.

Todavia a má vontade dos classicos contra Gil Vicente comprehende se. O immortal fundador do nosso theatro não fazia parte da *troupe* litteraria da epoca, era um indisciplinado, uma especie de astro errante fóra d'aquelle systema solar, não podia, por conseguinte, á luz do orgulho que cega o entendimento, avantajar-se, sobrepujar reputações feitas, medir-se, mesmo, com academicos de fina tempera, de convencional orientação. A esses feros intransigentes não lhes passava, parece, pelo espirito que o talento, semelhante á força elastica do gaz em acanhado recipiente, rompe energico e expande-se ruidoso, detonante; d'ahi o orgulho dos primeiros, e a reacção, por ultimo.

Fóra do ambiente da escola, pretendiam elles, não medram genios, não amadurecem intelligencias, e se aquelle que consome largos dias em severo regimen mental, não consegue a gloria das bellas creações, das arrojadas iniciativas, como a conseguirá o pobre estranho á aggremiação dos doutos, o refractario á famosa milicia dos *homens de bom saber?*... A intolerancia ou, melhor, a emulação tem estes lamentaveis caprichos, estas curiosas phantasias!...

«As obras de Gil Vicente, diz um critico, valem,

(¹) *Auto da barca do purgatorio*

Centenario de Gil Vicente

FAC-SIMILE DE UM DOCUMENTO DA TORRE DO TOMBO, DESCOBERTO PELO SR. BRITO REBELLO

sobretudo, como vigoroso passo dado para a fundação da escola nacional e como riquissima consubstanciação de todos os elementos moraes e, sobretudo, poeticos da edade-media portugueza, pois n'ellas se contêm as tradicções mais populares e caracteristicas, como superstições, mythos, legendas, as formas poeticas, como os *hymnos farsis*, as *lôas*, *villancicos* as *barcas*, suas licenças e desregramentos, os seus usos e abusos originaes, emfim, toda essa quadra, na sua intimidade moral e exterior extravagante, o que constitue um valioso peculio para o ethnologo, para o historiador e para o moralista.» [1]

A individualidade de Gil Vicente, dotada de tão elevada importancia, tanto pelo seu caracter, inteiramente, novo e original, como pelo espirito de justiça e independencia que a anima, symbolisa uma epoca de vigôr na litteratura portugueza e, pela profunda impressão que produziu no mundo das lettras, chegou a dar origem a uma escola, na qual figuram varios vultos de indole, eminentemente, nacional, que, embora não evitassem a decadencia e a ruina da notavel obra do seu mestre, conseguiram, salva-la do completo olvido, alimentando esse fraquissimo alento, que, mais tarde, á voz potente de Garrett, se deveria converter na mais robusta vitalidade.

Luiz de Camões, no expirar do seculo XVI, D. Francisco Manuel de Mello, no seculo XVII, Antonio José da Silva, no seculo XVIII e o immortal auctor do *Fr. Luiz de Souza*, no seculo XIX, são os mais distinctos e prestimosos discipulos do *Plauto portuguez*.

Cada um, na sua epoca, é um brado de honrosa recordação do mestre eminente e uma homenagem de justiça á sua obra insigne.

Como todos os grandes emprehendimentos, o theatro nacional teve uma existencia gloriosa, mas, acerrimamente, combatida; os seus triumphos foram a causa dos seus infortunios; deram-lhe celebridade, elevaram-no á categoria de instituição, rigorosamente, litteraria, viril e sympathica, mas a inveja de uns e a obcecação de outros, minaram-no, promoveram-lhe uma guerra atroz, a que não poude resistir.

Desdenhando o convencionalismo greco-latino, esquecendo respeitos humanos, o theatro vicentiano impulsionado pela mais completa independencia, excedendo-se, talvez, conspirou contra si o odio de adversarios temiveis, que pela propaganda do rigor classico ou pela intolerancia do *Indice expurgatorio*, conseguiram aniquilar uma das instituições mais pujantes da litteratura patria.

Os autos de Gil Vicente amesquinhados, desauctorisados por uma corrente contraria de idéas, deixam-se vencer pelas imitações de Euripedes, de Menandro, de Plauto e de Terencio.

Desapparece, pois, o theatro, verdadeiramente, portuguez, baseado nas tradicções d'um povo vivo, para dar logar a outro, embora mais correcto, mas privado de originalidade e de sentimentos patrioticos.

Damasceno Nunes.

[1] Andrade Ferreira — Litt.ª portugueza.